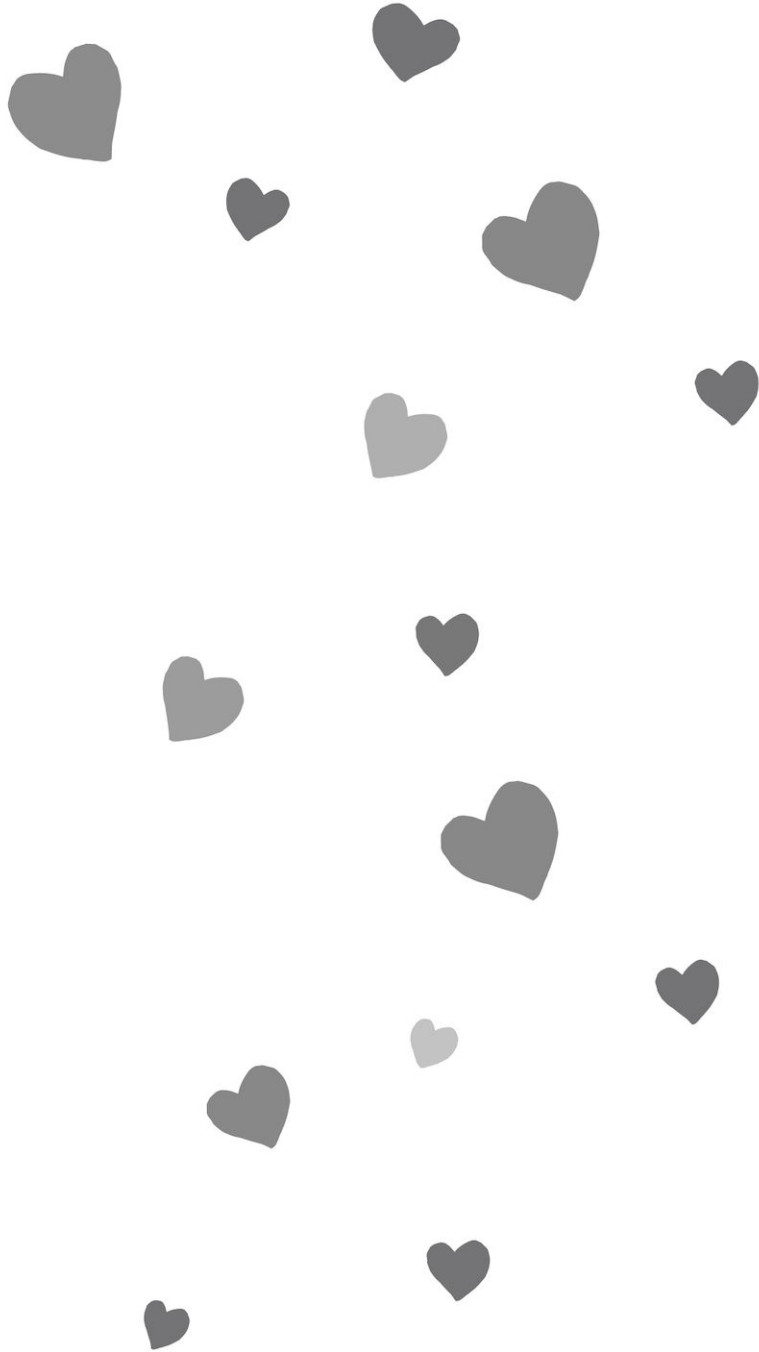


AMOR & AZEITONAS



∞ JENNA EVANS WELCH ∞

Autora de Amor & gelato



AMOR & AZEITONAS

Jenna Evans Welch

Tradução de Viviane Diniz



Copyright © 2020 by Jenna Evans Welch

Publicado originalmente nos Estados Unidos por Simon & Schuster Books for Young Readers, um selo de Simon & Schuster Children's Publishing Division, Nova York, NY

TÍTULO ORIGINAL

Love & Olives

PREPARAÇÃO

Sofia Soter

REVISÃO

Luiz Felipe Fonseca

PROJETO GRÁFICO ORIGINAL

Tom Daly

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE E ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Karina Granda

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Larissa Fernandez Carvalho e Letícia Fernandez Carvalho

REVISÃO DE E-BOOK

Manoela Alves

GERAÇÃO DE E-BOOK

Joana De Conti

E-ISBN

978-65-5560-308-8

Edição digital: 2021

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Sam.

Eu lutaria contra um milhão de Dragões Ender, cem milhões de Creepers, vinte Aranhas das Cavernas e um Homem-Porco Zumbi

por você.



Prólogo



namorado, nem ao meu padrasto, nem aos meus amigos, mas é importante para a história, então acho melhor contar logo no início.

Duas ou três vezes por semana, eu sonho que estou me afogando.

É sempre assim: estou na água, com um tanque de oxigênio preso às costas, mergulhando com o rosto voltado para o fundo do mar. A água está morna e com um tom verde-azulado magnífico, mas mal reparo nisso, porque estou muito focada em alguma coisa. Em *procurar* alguma coisa. Não sei o que estou tentando encontrar, só sei que é a coisa que mais desejo no mundo.

Por fim, enxergo algo lá embaixo — um raio de luz. É cintilante e convidativo, e, sem hesitar nem um segundo, dou um impulso mais forte e nado na direção dele. O brilho se concentra em torno de um pedacinho de metal, que reluz cada vez mais conforme me aproximo. Mas, quando estendo a mão para tocá-lo, a luz se apaga, me lançando na mais impressionante e profunda escuridão. É aí que percebo a pior parte: meu oxigênio acabou. Entro em pânico, tentando voltar depressa à superfície, mas estou muito distante, e, quando abro a boca para gritar, a água invade minha garganta, meus ouvidos e...

Você já entendeu.

No sonho, nunca sei o que estou procurando, mas, assim que acordo com a sensação de sal nas bochechas e a garganta irritada fica óbvio. *Dolorosamente* óbvio. Estou em busca da cidade perdida de Atlântida. Do

mundo do meu pai. E, mesmo sabendo que estou segura na minha cama, e não no fundo do mar Egeu, ainda preciso me levantar e pegar o mapa do meu pai.

O mapa é outro dos meus segredos. Fica guardado no alto do armário, embaixo da pilha de cadernos de desenho que acumulo desde o ensino fundamental. Embora tenha tentado jogá-lo fora mais de dez vezes, nunca consegui. O mapa foi desenhado à mão e é cheio de setas e anotações sobrepostas, algumas em grego, outras em inglês. Tem até alguns dos clássicos desenhos engraçadinhos do meu pai, como uma serpente do mar de tapa-olho e Poseidon cochilando na rede com o tridente.

É estranho, mas, quando abro o mapa, não vejo nada disso. Vejo meu pai. Estamos à mesinha apertada da cozinha, a cabeça dele curvada sobre o mapa. Seus olhos brilham ao falar do nosso amor compartilhado por Atlântida. Minha versão criança está atenta a cada palavra, porque na época eu não era apenas Olive. Eu era *Indiana Olive*, uma exploradora mundialmente famosa.

Parte cientista, parte arqueóloga, parte mergulhadora de águas profundas, Indiana Olive enfrentava piratas, lulas imensas e negociantes gananciosos que queriam seu tesouro. Ela era corajosa, inteligente e, independentemente do desafio que o oceano lançasse, sempre tinha o pai ao seu lado.

Até que não tinha mais.

Quando meu pai foi embora, deixou vinte e seis coisas para trás. Muitas eram lixo, mas juntei mesmo assim: um pacote de seu chiclete de canela preferido, uma camiseta desbotada, papéis rabiscados. Guardei tudo numa velha caixa de sapato embaixo da cama e, quando minha mãe estava no trabalho, eu tirava as coisas da caixa para tentar entender. Por que ele tinha deixado *aquelas* coisas para trás?

Algumas explicações eram fáceis de encontrar. A camiseta pinicava. O chiclete tinha um gosto muito forte de canela. Mas por que sua espuma de barbear preferida? E o nosso mapa? Meu pai o deixara dobrado na minha mesa de cabeceira. Não precisaria dele em Santorini, para encontrar a cidade perdida?

Fiz uma lista cuidadosa dos itens e, durante dois anos, olhei para ela todos os dias. Foi o tempo que levou para eu entender que meu pai não voltaria. Não gosto muito de falar dessa época, então digamos apenas que às vezes acho que sei exatamente como os atlantes se sentiram ao verem suas vidas ruir e desaparecer.

Depois que entendi aquilo, parei de olhar a lista. Mas ela se mudou com a gente. De um canto para outro, acompanhando cada troca de escola e apartamento, todos os lugares solitários que fizeram parte da nossa vida pós-papai. Foi quando estávamos morando em Seattle, pouco depois de mamãe se casar com James, que ela encontrou a lista: *26 Coisas que Meu Pai Deixou para Trás, por Indiana Olive*. Ela quis conversar comigo sobre o último item — o vigésimo sexto.

Claro que eu não quis tocar no assunto. Eu já não era mais Indiana Olive. Nem era mais *Olive*. Eu era Liv. E Liv nunca falava sobre o pai. Aprendi da maneira mais difícil que contar aos outros sobre meu pai ter me abandonado por causa de uma ilha mítica que 99,9% das pessoas nem acredita que tenha existido não é uma boa ideia. Aliás, é melhor nem lembrar disso com muita frequência.

Então me recusei. Eu não queria conversar sobre meu pai. Não queria conversar sobre meu passado. E não queria absolutamente nada com aquela lista, porque simbolizava tudo o que havia me machucado e tudo o que eu não queria mais ser.

Minha mãe avisou que coisas importantes não gostam de ser enterradas, mas, felizmente, deixou o assunto para lá. Considerei isso uma vitória. Afinal, não tínhamos seguido em frente? De nada me valiam cidades douradas e promessas desfeitas. Não me interessava mais por pistas enigmáticas. Eu dera por concluída aquela parte da minha vida. Assunto encerrado.

Até que Atlântida veio à minha procura.



Capítulo 1



#1. MEIO PACOTE DE CHICLETE BIG RED

Meu pai mascava aquilo o tempo todo. Desembrulhava um pacotinho de papel-alumínio atrás do outro, começando logo após a xícara de café matinal. Ele contava que tinha sido a primeira coisa que comprou ao chegar ao aeroporto de Chicago, vindo da Grécia, e, assim que provou, soube que havia tomado a decisão certa: um país que produzia um chiclete daqueles com certeza sabia o que estava fazendo. Ele emigrara com quase nada. Apenas o passaporte, uma mochila surrada, algumas centenas de dólares e um sotaque grego tão forte que, segundo ele, levou três meses para conseguir pedir uma xícara de café e ser entendido.

Sua filosofia para sobreviver nos Estados Unidos sem contatos, dinheiro ou amigos? "Pula que uma rede cresce."

Ele vivia errando as expressões americanas.

chamas. Caixas de correio e árvores começaram a dançar em minha visão embaçada. De acordo com o relógio fitness que James, meu padraço, havia me dado de Natal, só tínhamos corrido dois quilômetros.

No estilo do grande Mestre Yoda: uma corredora eu não sou. E, naquele momento, nem conseguia fingir.

— Preciso de outro intervalo — avisei, sem ar, me curvando para apoiar as mãos nos joelhos.

Dax, meu namorado, diminuiu o passo e suspirou alto — não porque precisava de mais oxigênio, mas porque aquele era nosso terceiro intervalo em menos de quinze minutos. Nem tive que olhar seu rosto para saber como estava. Decepcionado. Quer dizer, decepcionado e lindo com aquele bronzeado, o falso moicano e os olhos azul-esverdeados. Afinal, era o *Dax*.

Ele apoiou a mão nas minhas costas, mas o contato pareceu mais recriminador do que encorajador.

— Liv, nós já fizemos um intervalo. Tenho que correr mais cinco quilômetros para atingir minha meta de treinamento, lembra?

Eu lembrava. E, de verdade, queria correr aqueles cinco quilômetros com ele. Não só porque Dax detestava correr sozinho, mas também porque, na noite anterior, ele tinha me acompanhado a uma exposição de arte sobre a história da Polaroid no centro de Seattle. Ele tinha até desligado o celular para não sermos bombardeados pelas mensagens de sua legião de amigos. Então, naquela manhã, como agradecimento, eu planejava acompanhá-lo por todo o percurso sem reclamar, o que geralmente até conseguia fazer.

Mas, ao contrário de todos os familiares e amigos de Dax, eu não era uma corredora. Ou ciclista. Ou esquiadora cross-country. E eu definitivamente não funcionava bem pela manhã. Eu era do tipo que citava *Star Wars* de vez em quando, que gostava de colagens e que cuidava bem de plantas caseiras, mas quando Dax e eu tínhamos começado a namorar, concordei casualmente quando ele comentou que gostava de correr pela manhã, e ali estávamos. Dois anos depois, a farsa já havia sido desmascarada, mas ele continuava me arrastando junto. Dax era mesmo persistente.

Aquela manhã parecia mais difícil que o normal. Eu estava com *tanto* sono.

Então, a lembrança me atingiu com tudo. Como uma onda se chocando contra o meu rosto. Eu tinha tido o sonho na noite anterior. Não era de admirar que estivesse com o pique de um bicho-preguiça idoso.

Soprei as pontas suadas da franja para longe dos olhos e tentei fazer outro rabo de cavalo, mas meu corte na altura do queixo ainda estava curto demais. Nem meu cabelo queria terminar aquela corrida. Dax estava decepcionado, magoado e... irritado? Deixei o pesadelo de lado. Era hora de ativar a SUPERNAMORADA!, capaz de evitar qualquer briga com o poder da *distração pelo flerte!*

Tirei meu elástico e baguncei o cabelo, tentando deixá-lo com a aparência perfeitamente despenteada.

— Ei, Dax, sabe o que seria ótimo para o seu condicionamento? Correr com um peso extra. Tipo... — Olhei para o céu com ar pensativo, depois o encarei, sorrindo. — Tipo eu!

Ele gemeu de frustração, mas deixou escapar um sorriso discreto e se abaixou para eu subir em suas costas. Seguimos então num ritmo constante, comigo pendurada em seus ombros. Aliás, aqueles ombros tinham sido a primeira coisa que reparei em Dax, principalmente porque me sentara atrás dele na sala de aula, e naquele primeiro dia eu estava tão ocupada tentando fingir o mesmo olhar entediado de todo mundo que nem deu para reparar em mais nada.

Ele dizia que meu estilo tinha sido a primeira coisa que notou, o que, verdade seja dita, era a primeira coisa que todo mundo notava, e fora de propósito. Quando me transformei de Olive em Liv, assisti a centenas de vídeos de moda antes de encontrar um estilo que eu talvez conseguisse copiar: o de garota francesa. Cortei trinta centímetros de cabelo, maratonei

tutoriais de maquiagem e passei um mês inteiro procurando roupas neutras e casualmente elegantes. Em meio a um mar de pessoas vestindo casacos esportivos, o estilo parisiense chique causava bastante impacto.

É verdade que sou greco-americana, e não franco-americana. Mas quem liga para esses detalhes? Eu não.

Dax começou a correr mais rápido, e afundei o rosto em seu pescoço. Durante o verão, Dax passava de vinte a trinta horas por semana na piscina e cheirava a cloro como os outros caras cheiram a colônia. Tecnicamente, ele frequentava uma escola particular, mas, para poder jogar no nosso time de polo aquático, precisava ter duas matrículas, então passava parte do dia na minha escola. Ou pelo menos costumava ser assim. Fazia duas semanas que ele se formara oficialmente no ensino médio, um fato que tirou meu mundo um pouco dos eixos, embora eu viesse me esforçando para disfarçar.

— Adoro o cheiro de ácido hipocloroso pela manhã — comentei.

— E você está cheirando a suor — disse ele, apertando meu joelho direito. — Não consigo correr cinco quilômetros com você nas costas. Vamos voltar pra sua casa.

— Se é o que você quer — concordei, pressionando minha bochecha contra a dele. — Podemos fazer panquecas com gotas de chocolate. O café da manhã dos campeões. Nem mesmo seus novos treinadores da universidade podem discordar.

Universidade. Os músculos do maxilar de Dax se contraíram, e preendi a respiração, já me arrependendo da conversa que teríamos a seguir. A não ser que ele magicamente resolvesse *não* tocar naquele assunto.

Meu olhar se fixou num gnomo de jardim de bochechas rosadas no canteiro de flores pelo qual passávamos, e me peguei rezando para ele por puro desespero. *Por favor, pequeno gnomo de jardim, não me faça ter que mentir para o meu namorado hoje...*

— Você já entrou em contato com a Stanford pra saber sobre o dia de visita do ensino médio? — interrompeu Dax. — Amelia disse que é muito importante no processo de admissão. Eles querem ver que você se empenhou antes de avaliarem sua inscrição.

Muito obrigada, gnomo de jardim... só que não.

— É claro. Espero ter notícias em breve — respondi, minha voz aguda como uma cotovia, um pardal ou coisa parecida.

Não só Dax estava indo para Stanford, como metade de sua família tinha estudado lá, e Amelia, sua prima mais velha, trabalhava no escritório de admissões. O que complicava muito as coisas. E, quando digo *coisas*, me refiro ao fato de que, toda vez que clicava no link que Amelia me enviara, eu sentia a mesma angústia sufocante dos pesadelos. Então não. Ainda não tinha feito minha inscrição para a visita do ensino médio a Stanford. Mas não queria contar isso para Dax naquele momento. Não num dia tão maravilhoso de verão. Não depois da nossa ótima noite na exposição. Não enquanto corríamos pelo meu bairro, com meus braços apertados em volta dele.

Dax começou a falar, mas, por sorte, um borrão em roupas esportivas caras apareceu de repente na calçada, interrompendo a inquisição que estava prestes a acontecer.

— Dax?

Era Maya Nakamura, uma garota da turma de formandos dele, toda esportiva com sua legging e top cor-de-rosa combinando. Seu longo cabelo preto estava preso em um elegante rabo de cavalo, e ela fazia força para segurar um labrador pela coleira. Parecia que tinha saído para correr por puro prazer. Além disso, ela tinha um abdome incrível.

— Oi, Maya — cumprimentei, descendo das costas do Dax para brincar com o cachorro, que sorria em meio à baba.

Eu conhecia Maya de umas festas e do cursinho pré-vestibular. Dax a conhecia desde o jardim de infância, assim como a maioria de seus colegas da escola particular — eu havia descoberto rapidamente que o mundo dos ricos de Seattle era bem pequeno. Eles grudavam uns nos outros feito cracas. Mas fiquei tão feliz com a interrupção que estava disposta a fingir que Maya não tem uma queda enorme pelo meu namorado faz dez anos. No fundo, eu não podia julgá-la. Afinal, era o *Dax*.

— Dax, tentei te ligar ontem — disse Maya, me ignorando como fazia sempre que possível.

Várias garotas da turma dele eram assim. Elas não tinham ficado muito felizes quando ele começara a namorar alguém da (argh!) escola pública. Além daquilo o deixar indisponível, elas não gostavam da mistura de classes.

O pai da Maya era dono de uma empresa milionária, e ela era o tipo de garota que conseguia correr oito quilômetros com o pé nas costas enquanto pintava cartazes para manifestações estudantis e ainda arrumava o cabelo para o baile da escola. Não sei por que alguém faria tudo isso com o pé nas costas, mas deu pra entender.

— Soube da novidade? — perguntou ela.

— Que novidade? — disse Dax, usando a bainha da camisa para limpar o suor da testa reluzente e deixando o abdome à mostra. Ai. Ele estava torturando a garota *de propósito*?

— Entrei para Berkeley! Vamos ficar a, tipo, cinquenta quilômetros um do outro!

— Sério? — falei, me levantando de um salto e limpando a baba de cachorro no meu short.

Apesar da minha relação com a Maya praticamente só existir no Planeta Constrangimento, eu não podia deixar de ficar feliz. Ela estava na lista de espera da Universidade da Califórnia, em Berkeley, havia quase seis meses, e

eu tinha visto como ela se dedicara no pré-vestibular. Aquilo pedia uma comemoração.

— Maya, que ótimo! Você merece. — Cutuquei as costelas de Dax com o cotovelo. — Isso não é incrível, Dax?

Ele obedientemente pegou a deixa.

— É incrível mesmo, Maya. Você se esforçou muito. — Ele passou o braço à minha volta e acrescentou: — Liv está tentando uma aprovação antecipada em Stanford. Com sorte, ela estará lá com a gente daqui a um ano.

Ai.

Ai, ai, ai.

— Ah, é mesmo? Você está pensando em ir pra Stanford? — A decepção surgiu no rosto de Maya por um instante, mas seu rabo de cavalo balançou entusiasticamente. — Nossa, que ótimo. Assim vocês vão poder ficar juntos.

O olhar de Dax recaiu sério em meu rosto.

— Talvez — respondi. — Estou entre algumas universidades, e não é fácil entrar em Stanford. Ainda bem que tenho seis meses para decidir onde me inscrever. Ninguém precisa decidir tão cedo, sabe?

Foi a vez do corpo de Dax se retesar. Se Maya percebeu a tensão entre nós, não deixou transparecer.

— Liv, tenho certeza de que você entra na faculdade que quiser. Todo mundo sabe que suas notas nas provas de admissão foram ótimas. Além disso, você ganhou aquele concurso estadual de arte. Por aquelas suas... colagenzinhas? Não foi?

Colagenszinhas. Era exatamente aquele o motivo de eu não contar às pessoas sobre minha produção artística. Eu nem havia me inscrito no concurso, para começo de conversa. Tinha sido coisa da minha professora.

— Aquilo não foi nada de mais — falei, tentando não dar muita importância ao *concurso estadual de arte*.

— Bem, todo mundo achou que foi — acrescentou ela, olhando para Dax.

Meu celular apitou. Era uma mensagem da minha mãe. Olive, você está em casa? Preciso falar com você.

Senti o coração palpitar, mas meu cérebro levou um instante para registrar o motivo. *Olive*. Ela me chamou de Olive. Minha mãe tinha respeitado bastante minha decisão de passar a ser chamada de Liv, e quase não errava mais. Além disso, eram 9h37. Ela não devia estar no trabalho? Por que não estava no trabalho?

Senti outra agitação no peito, e de repente minha cabeça começou a girar, os pensamentos tão rápidos que não conseguia me concentrar em nenhum. *Será que aconteceu alguma coisa? Não aconteceu nada. Se acalma, Liv. Você está exagerando, como sempre. E daí que ela chamou você pelo nome errado? Ela está bem...*

— Liv, está tudo bem? — sussurrou Dax, franzindo a testa.

Fiz que sim, esforçando-me para sorrir. Ótima. Eu estava ótima.

Maya ainda falava, e me concentrei em acompanhar o rumo da conversa.

— Mal posso esperar. Queria que as férias acabassem logo. Estou tão animada para a faculdade! — Ela sorriu para Dax. — Então, Ilha de Balboa. Está pronto para a viagem de formatura?

— Estamos prontos — respondeu Dax, passando o braço em torno de mim outra vez.

Maya arregalou ligeiramente os olhos.

— Liv, você vem com a gente? Que ótimo!

— Minha mãe ainda não decidiu — corrigi depressa.

Cerca de trinta pessoas da turma do Dax iam para a casa de praia de um colega, o que parecia um evento caótico e divertido, mas também...

Sei lá. Se tivesse que explicar, diria que o mar e eu não somos melhores amigos. Gosto de admirá-lo de longe, mas Dax andava falando sobre uma formação rochosa até onde pretendia nadar, e eu já vinha elaborando uma longa lista de desculpas para não ter que nadar até a tal formação rochosa. Eu *sei* nadar. Tenho até certificado de mergulho. Só prefiro *não* me afogar nas profundezas do mar turvo. Eu ainda queria ir, mas não do jeito que Dax tinha em mente. Essa parecia ser uma história recorrente nos últimos tempos.

— Vou dar um jeito — falei com confiança.

Dax me lançou um daqueles seus sorrisos estonteantes. Um sorriso de verdade. Meus ombros relaxaram.

Maya hesitou, seus lábios se franzindo de um jeito malicioso.

— Maravilha. Bem, então a gente se vê em Balboa, “Casal com Maior Chance de Sobreviver ao Ensino Médio”!

Affe. O infame título do anuário.

— A gente se vê, Maya — disse Dax, passando o outro braço à minha volta.

Maya se virou, e nós a observamos sair trotando com o cachorro enquanto eu antecipava a negação costumeira do Dax. Ele não me decepcionou.

— Não está rolando nada com ela — disse ele rapidamente.

— Eu não *falei* que estava rolando nada.

Caí em cima dele, que teve que me segurar.

— Por que você fica dizendo para as pessoas que vou me inscrever em Stanford? — perguntei. — Ainda estou no penúltimo ano.

— Último — corrigiu ele, colocando-me de pé de novo. — Em três meses, você vai estar no último ano. E eu falei que você ia tentar, não que vai pra lá com certeza. Além disso, o que você tem contra a gente ir para a mesma faculdade?

— Nada.

Fechei os olhos por meio segundo. Porque, claro, só de pensar em andar pelo campus, pelos dormitórios e pelas festas com Dax, sem nenhuma supervisão dos nossos pais, eu sentia vontade de sair por aí saltitando e cantando. Mas também entrava ligeiramente em pânico. Por causa da matrícula dupla do Dax, só frequentávamos a mesma escola em parte do tempo; mesmo assim, ele já ditava a maior porção da nossa vida social. Talvez tivesse funcionado no início, quando eu não conhecia ninguém na minha escola. Mas, depois que comecei a fazer meus próprios amigos, pareceu meio... limitante. Ele não gostava muito quando eu saía com outros caras (compreensível), e era difícil conciliar todas as minhas atividades e trabalhos da escola com os jogos dele e os eventos com seus amigos do colégio particular. A vida andava tão agitada que eu tinha até abandonado o futebol este ano (eu era goleira, óbvio: muito menos correria, mas com os mesmos benefícios sociais) para ter tempo de equilibrar tudo.

Não que eu estivesse reclamando. Eu era louca pelo Dax. Completamente maluca por ele. O único problema de Stanford é que não era a *Escola de Design de Rhode Island*.

Só de pensar na RISD, como era conhecida, eu queria me deitar num campo de lilases, começar a cantar do nada ou seja lá o que as pessoas fazem quando seus sonhos se realizam. Mas eu precisava esperar o momento certo para contar ao Dax, e aquele claramente não era o dia. Para o Casal com Maior Chance de Sobreviver ao Ensino Médio, a gente brigava até demais.

Respirei fundo, me preparando para dar uma reviravolta na conversa, quando meu celular apitou de novo. Outra mensagem da minha mãe. Um pouco mais incisiva. Olive, por favor, volta pra casa AGORA. Preciso mesmo falar com você.

Ela me chamou de Olive de novo?

— Quem é? — perguntou Dax, olhando para o meu celular.

Afastei o aparelho rapidamente.

— Minha mãe.

Dax secou o rosto com a camisa outra vez.

— Achei que ela estivesse no trabalho.

Na mesma hora, meu estômago se contorceu como um origami, e tive que me forçar a relaxar. É um reflexo automático me preocupar com minha mãe. Isso tende a acontecer quando se perde um dos pais — a gente automaticamente passa a se preocupar mais com o outro. Não que ela algum dia tivesse me dado motivos para me preocupar. Provavelmente só precisava que eu cuidasse do meu irmão mais novo.

— Anda. Vamos fazer panquecas — falei.

Subi nas costas do Dax outra vez, e ficamos misericordiosamente em silêncio pelos próximos minutos. Já estávamos na minha calçada quando ele apontou para a caixa de correio.

— Você devia dar uma olhada. A Amelia me disse que enviaram os convites pelo correio.

— Dax — resmunguei, descendo das costas dele e fingindo estar com o corpo todo mole.

Eu tinha aprendido aquilo com meu irmão Julius, de cinco anos. Ele era mestre em se transformar num invertebrado sempre que a situação exigia.

— E por acaso entregam correspondência aos sábados? — perguntei.

— É claro que entregam — rebateu ele, naquele tom autoritário que usava às vezes. — Deixa eu conferir.

Ele estendeu a mão para a caixa de correio, mas, por sorte, um pequeno ninja, mais ou menos do tamanho do Julius, escolheu aquele momento para saltar de uma árvore de bordo ali perto e aterrissou bem na cabeça do Dax.

— Somente um ninja pode derrotar um ninja! — gritou Julius, tentando imobilizá-lo.

— Mas que... — berrou Dax, girando o corpo, os braços estendidos. — Julius, nós combinamos que você tem que avisar antes, para eu ter a chance de me defender!

— A prioridade de um ninja é vencer sem lutar!

Arranquei rapidamente o Julius de cima do Dax. Daquela vez, ele tinha se empenhado na fantasia: máscara, duas katanas de plástico e o roupão preto da minha mãe.

— Tá tudo bem com a mamãe?

— Tá — respondeu ele, olhando para mim sem entender. — Por quê?

Meu corpo relaxou um pouco, e coloquei as mãos em seus ombros.

— Lembra o que a mamãe e o James disseram? Que você não podia mais subir na árvore para atacar as pessoas?

— Ou quem sabe não atacar ninguém? — acrescentou Dax, esperançoso, e Julius sorriu de maneira indulgente para ele.

Dax sempre fora um dos alvos principais do Julius, e até então todas as tentativas de cessar-fogo tinham sido em vão.

— Ah, não — resmunguei, tirando a máscara do rosto de Julius. — Esse é o meu delineador novo?

Seus olhos tinham um contorno dourado que eu reconheceria em qualquer lugar. Goldmine, da Urban Decay. Eu tinha comprado para o jantar de formatura do Dax.

— Julius! — reclamei. — Isso custou trinta dólares na Sephora!

— A identidade do ninja precisa ser mantida em segredo! — disse ele, apontando uma katana para mim. — Liv, eu estava na árvore porque a mamãe me pediu pra te procurar. Chegou um cartão-postal pra você. Tá bem sujo e tem uma escrita estranha. Mamãe ficou toda esquisita quando viu.

Não.

— Um cartão-postal? — perguntou Dax, todo animado. — Deve ser o convite.

O pavor me atingiu como uma onda gelada. Meu corpo todo ficou entorpecido. *Tá vendo!*, gritou minha mente de maneira triunfante. *Tinha, sim, alguma coisa errada!*

— Vamos dar uma olhada! — exclamou Dax, pegando minha mão e entrelaçando nossos dedos. — Anda.

A mensagem da minha mãe passou de novo pela minha mente. *Preciso falar com você.*

— Espera aqui, tá bem? Fica com o Julius?

Soltei meus dedos e segui para a porta. Pensei em andar só um pouco mais rápido que o normal, tipo quando tinha uma missão no shopping, mas seis passos depois já tinha começado a correr. Não dava para conter a adrenalina.

— *Agora você corre!* — gritou Dax atrás de mim.

Nem tentei responder. Só uma pessoa me enviava cartões-postais antigos com escritas estranhas. Só uma. E com certeza não era o departamento de admissões de Stanford.

Eu precisava esconder aquele cartão-postal antes que Dax ou qualquer outra pessoa o visse.